

# O AMERICANO

ESCRITORIO

Largo da Sé, 5 (sobrado)

PROPRIETARIOS E REDACTORES

**Cyro de Azevedo e Sá Vianna**

PUBLICA-SE

às Quartas e Sabbados

ANNO I

Sabbado, 16 de Julho de 1881

N. 9

## ANNUNCIOS

### S. Loterica do Mercadinho

Pertencem aos socios abaixo assignados, os cinco quartos da Grande Loteria da Côrte, dos seguintes numeros:—256,537, 256,535, 154,803, 354,305 e 256,528, os quaes ficam em poder do primeiro socio, Narcizo José Pereira Guimarães.

Joaquim José Pereira Guimarães, Samuel Saturnino da Silva, João Teixeira de Carvalho, capitão Firmo Caetano de Araujo, alferes Bernardo de Araujo Tavares, Carlos Adolpho Bresser, Lauriano José Pereira, Daniel Lourenço Charella, Emilio Rozi, Francisco Emigdio Vieira, Carlos Drumond, Adão Antonio Tavares, Carlos Ricardo, Eleuterio E. Ignacio, Pedro de Oliveira Gama, Maria Augusta Boumam, Thereza Maria de Almeida Neves, Antonio Alves de Macedo, Antonio de Oliveira Braga.

N. B.—Esta sociedade já foi publicada na *Gazeta de S. Paulo*, do dia 22 de Maio do corrente anno, e como houvesse engano no numero dos bilhetes, publica-se de novo para conhecimento dos inte essados, ficando de nenhum efeito o annuncio anteriormente feito.

### Sociedade Loterica Fluminense

Os seis quartos da primeira Grande Loteria da Côrte, de numeros—153,176, 453,192, 254,810, 253,199, 353,225 e 359,178, que pertencem a esta sociedade, ficam em poder do primeiro socio, Narcizo José Pereira Guimarães.

S. Paulo, 14 de Julho de 1881.  
Joaquim José Pereira Guimarães.  
Carlos Ricardo.  
Bernardo Antonio de Araujo Tavares.  
Leopoldo Augusto Chaves.  
Joaquim Ozorio Mascaranha.  
Daniel Lourenço Charella.  
Narcisa Gomide.  
Vicente Alves de Souza.  
Jeronymo Alfredo Bacellar.  
João Pacheco.  
João Teixeira de Carvalho.  
Zeferino Cuba.  
Antonio Alves de Macedo.  
Pedro de Oliveira Gama.  
Joaquim Baptista de Carvalho.  
Francisco José de Oliveira Sergio.  
Henrique Antonio de Freitas.  
João Flores.  
Estevão Augusto de Menezes.

A' BOTA DE PARIZ  
CALÇADOS  
DE  
**TODAS**  
AS  
QUALIDADES  
São Paulo.  
Rua de S. Bento-49  
GUIMARÃES & LOBO

### S. Loterica dos Interessados

Pertencem a esta sociedade os seis quartos da primeira Grande Loteria da Côrte, de numeros—153,179, 253,192, 253,191, 359,187, 359,160, 453,196, os quaes ficam em poder do primeiro socio, Narciso José Pereira Guimarães.

Joaquim José Pereira Guimarães, Bernardo Antonio de Araujo Tavares, Claudina Maria do Espirito Santo, Dionizia Paula Martins, Benedicto Escoava, Carlos Ricardo, Leopoldo Augusto Chaves, Margarida Bicudo, Vicente Ignacio da Silva, Maria da Penha de Almeida, Benta de Almeida, Roberto Raphael, Tiburcio Salustio Figueiredo, Anna Roza de Figueiredo, Pedro de Oliveira Gama, Daniel Lourenço Charella, João Pacheco, Antonio Alves de Macedo, Florencio Bemaventurado.

## LIVROS

A' venda no escriptorio d'esta folha.

ESBOÇOS CRITICOS da Faculdade de Direito de S. Paulo em 1879, por M. A. S. Sá Vianna.

ESTUDOS SOCIAES E LITTERARIOS por Cyro de Azevedo.

5-LARGO DA SÉ-5

S. PAULO

### A. A. FONSECA

44

### Rua de S. Bento

Nesta casa é aonde se encontra o melhor sortimento e por preços mais baratos que em outra qualquer parte.

Meias de lã para creanças, senhoras e homens.

Vestidos e paletots de casimira.

Paletots pretos e de côres para senhora.

Capas chales e fichus.

Diagonal preto para paletots de senhora.

Pellucia preta e côr de café para guarnecer.

Collarinhos lizos e bordados.

Enxovaes para baptisado.

Lenços de linho de todas as qualidades.

Tiras bordadas e rendas lindissimas.

Perfumarias e sabonetes superiores. 10-8

### OFFICINA DE COSTURA

S. Paulo

### TYPOGRAPHIA POPULAR

5, LARGO DA SÉ, 5

SÃO PAULO



## O AMERICANO

## Ingenuos

A lei de 28 de Setembro de 1871 na segunda parte do § 1º do art. 1º, subjeita o ingenuo ao dominio do senhor da escrava, podendo este utilizar-se dos serviços do menor até a idade de 21 annos.

Esta disposição que no tempo da passagem da lei, poderia ser tolerada como medida de harmonia, principio de equilibrio entre as exigencias da verdade e do direito e a pressão das conveniências dos senhores, como meio de quebrar os assomos da opposição, é hoje uma anomalia que reclama instante revogação.

O que era uma arma politica, o que representava uma concessão á mal entendidos interesses, uma imposição da necessidade, se assim o quizerem, é presentemente um grande erro, um descuido e uma fraqueza injustificavel.

O tempo corrido, da promulgação da lei até hoje, deve ter provado ao governo a inconveniencia de tal medida, deve ter servido para que estudando com criterio a questão, procure dar justo destino a essas creanças que reclamam educação e luzes.

Conservar o ingenuo sobre o dominio do senhor da mãe, fazendo-o espectador obrigado das desgraças do seu viver, assistindo ás suas dôres, filhas do seu estado servil, presenciando inerte aos seus castigos, ás brutalidades do senhor ou de seus representantes, é consentir que a creança vá alimentando um odio latente pelo algoz de sua mãe, é favorecer inconscientemente projectos de justa vingança, mas cujos meios praticos podem ser desatinos condemnaveis, arrancos de ferocidade.

Não vale o aphorismo de direito romano: o filho segue a condição da mãe, disposição prescripta por Gaio e Ulpiano, já porque é um principio erroneo, sem fundamento philosophico, perante o direito moderno, que declara todos os homens livres, já porque no caso vertente seria desvirtuar a lei, roubando-lhe o unico objecto.

Sob a pressão de um regimen de violencia, ou mesmo de simples subjeição, é o ingenuo um meio escravo, um ente sem condição determinada e portanto sem conhecida capacidade juridica.

A vida que lhe offertou a lei de 71, actuando desde muito cedo sobre seu organismo moral e sobre sua intelligencia, vae gastando aquelle pelo embotamento da sensibilidade e esta pela ausencia de cultivo.

Chegada a epocha em que o senhor perde sobre o ingenuo toda a autoridade e commando, este, vendo-se, de momento, possuidor de uma faculdade de acção que não esperava e cujo preço não avalia devidamente, converte-se em um ente

inutil para a civilisação, em vez de ser um cidadão educado que venha prestar serviços ao seu paiz pelo bom emprego de suas actividades.

Foragido dos campos da escravidão, fica atordado ao receber o gozo do direito de livre arbitrio e, não possuindo um meio de vida, descahe na occiosidade que o enerva para o bem, e impulsiona os máus instinctos que geraram-se na condição da vida passada.

Acceite o governo a responsabilidade que lhe cabe, metta hombros á empreza que tem por objecto a regeneração d'este paiz.

Poupe estas miserias creanças á influencia do elemento servil, arranque-as d'esta vida puramente vegetativa.

Aos poderes do Estado compete crear asylos onde os ingenuos sejam recebidos, onde se lhes dê educação moral e intellectual, onde se lhes dê um officio, um meio de vida.

N'estes estabelecimentos o ingenuo aprenderá á ser homem, virá á ser um cidadão. Apprenderá á moldar o seu procedimento pelas boas normas de moralidade, será um ente aproveitavel.

Assim procedendo, o governo em vez de reforçar as grades das prisões para conter delinquentes, terá de abrir officinas para a phalange de operarios que elle proprio educou, que affeicou ao trabalho.

O ingenuo circumscripto á vida mesquinha que lhe dá a lei de 71, será um auxilio para as revoltas de escravos, um contingente para os seus desmandos.

O ingenuo educado livremente, será o intermediario entre o senhor e o escravo, abrandará o rigor do primeiro, evitará as ferocidades do segundo.

Não consideramos o escravo uma fera, ao contrario, julgamos-o uma victima, e quando fallamos em ferocidade, reconhecemos um facto, cuja culpa recae antes no algoz, do que no violentado, que se vae embrutecendo aos poucos, pelo seu regimen de vida.

A educação dos ingenuos, sobre ser uma garantia futura, um meio de desenvolvimento, é a effectuação de um principio verdadeiro.

A moral e os costumes, a industria e a lavoura, tem tudo á lucrar com a educação dos ingenuos, e tudo á perder com a continuação do seu estado presente.

S. Paulo, 14 de Julho de 1881.

CYRO DE AZEVEDO.

LYRA

Eu fico triste, quando ficas triste;  
Não queiras ver-me assim a soluçar!  
Chorar quando sorris nunca me viste;  
Sorri, que então não me verás chorar!  
O teu amor vem me inflorar a vida,  
—O teu amor—

Não me laces chorar, sorri querida!  
Sorri—Leonor!

Eu fico triste quando ficas triste;  
O' meu amor! não queiras ver-me assim,  
Ao pranto teu, meu pranto não resiste,  
E trasborda-me em lagrimas sem fim.  
Se, quando choras, eu chorando arquejo

Cheio de dor,  
Tambem sorrio, se a sorrir te vejo;  
Sorri—Leonor!

Eu fico triste, quando ficas triste;  
E acaso não desejas ver-me rir?  
Ri—quenolabio meu tambem existe,  
O riso que no teu deve existir.  
Teu pranto é noite para mim sombria,  
Noite de horror!  
Teu pranto é noite, mas teu riso é dia;  
Sorri—Leonor!

1879.

R.

## O mulato

(ROMANCE DE ALUIZIO AZEVEDO)

Nenhum ramo litterario ha, que maior influencia exerça sobre o animo do povo, do que seja o romance.

O proprio theatro que bem se pôde chamar o romance vivo não avassalla tanto, não obra tão energicamente.

As menores lacunas á que as peças theatraes estão sujeitas, com mais facilidade do que o romance, tomam no palco um colorido energico e não poucas vezes uma impressão desagradavel, bastante para a poucar o effeito da obra representada. A falta de um *que* de naturalidade, a má expresssão de um personagem, a prolixidade do dialogo, ou a falta de vida neste, a frouxidão no enredo, o aproveitamento de tempo, para em cinco ou menos quadros crear, sustentar, desenvolver e terminar um romance, deixando ao vivo sua moralidade, são escolhos, de que difficilmente o escriptor se poderá livrar, sem elevadissimo criterio.

No romance pode isso passar despercebidamente, salvo á um espirito mais observador.

A maior circulação que tem o romance, a facilidade, commodidade e modicidade com que pôde elle ser lido e correr por todas as camadas sociaes, são outras tantas vantagens, que tem sobre o theatro. Além disso a reflexão que de momento á momento pôde o leitor fazer do romance, reatando logo o fio do enredo, o que não se dá no theatro, onde a impressão á recebida em poucas horas, constitue grande superioridade.

Tudo isso peza para que se considere o romance, como a escola mais popular.

Na litteratura portugueza distinguem-se as phases porque tem passado o romance.

Depois que retiram-se as produções cavalherescas e bucolicas com os Amadis, Menina e Mo-



ça, Palmeirim d'Inglaterra, O Dezenegado, A primavera, O Pastor peregrino, O Felix indepenente e outros, as letras caíram em um periodo mais serio e apareceu o romantismo.

Tambem era tempo. Aquelle genero de litteratura havia dado tudo quanto lhe era possivel, entretivera, em largo periodo, gerações inteiras, identificara-se com esse periodo, nada mais era de esperar. Uma litteratura estafada, mal despertando o interesse de uma antigualha não podia continuar, convinha mais terminar por uma vez, do que ter uma marcha viciosa, demorada, inaproveitavel, quasi esteril.

Por todo continente Europeu, em principios deste seculo, a revolução litteraria rebentava e os novos obreiros eram na França: Victor Hugo, Chateaubriand, Lamartine etc; na Italia: Manzoni e Foscolo, na Hespanha: Martinez de la Roza etc.

Em Portugal o movimento tornou-se mais demorado, até que Almeida Garret tomou o nome de reformador. Depois d'elle foi longo o apostolado: Alexandre Herculano que deu o Eurico, o Monge de Cister, as Lendas etc; Rebello da Silvadeu a Mocidade de João Ve outros, modelando-os por Walter Scott.

O romance d'ahi em diante começou a ter o typo caracteristico de uma nova vida intellectual.

N'essa ultima phase litteraria começamos á aparecer e a geração de hoje d'ella nasceu marcha parallelamente.

ALVARO DE SÁ VIANNA.

(Continúa.)

(Blasco)

Hontem me achavas, senhora,  
Donairoso e bello... emfim  
Hontem amavas-me, e agora  
Defeito só vês em mim.

Ao teu juizo me entrego,  
E nada opponho, porque  
Bem sei que quem ama é cego,  
E só quem tem odio vê.

RAYMUNDO CORRÊA.

Traços d'après nature

UM CADAVER!

Para tranquillidade dos leitores em geral e dos espiritos supersticiosos em particular, declaramos aqui, em ar de exordio, que este folhetim não *cheira a defuncto*, máu grado o *cadaver* que lhe serve de titulo.

Podem correr perfeitamente sobre estas linhas sem sentir uns fremitos glaciaes pelo corpo e sem se deixar apoderar desse medo quasi instinctivo, natural áquelles que penetram em um cemiterio por horas mortas da noite.

Concordamos em que um *cadaver*, estirado assim, á fio comprido, nas columnas de um jornal, lhe dê o aspecto de um necroterio, onde a gente penetra pacatamente, cheia de um grave ar de beatice, o olhar compungido, a murmurar baixinho umas admirações eivadas de sentimentos, mas...

(Ha sempre um *mas* n'estas situações, como bem observa Julio Cesar Machado...)

...Mas nós vamos desde já e em poucas palavras, restituir a quantos nos lêem, o rizo e a quietação que fugiram, por momentos, para cederem logar ás lagrimas compassivas ou aos vãos temores.

\*\*

Aqui está uma casa; sem cerimonia, entremos,

A sala principal é isto:—uma mesa, uma cadeira, um bahú, um leito...; livros e n confusão, papel espalhado, *pmt'fices* aqui, alli e acolá, sapatos e etc., inclusa uma garrafa que usurpa, á contento, as funcções de um castiçal.

Sentado na cadeira, a frente apoiada nos braços, os braços apoiados na mesa, pensando ou dormindo, está um rapaz que espera ser dentro em pouco

«...como qualquer outro um bacharel formado.»

De repente, batem á porta, macia, brandamente; um moleque corre a ver quem é e volta na ponta dos pés, arregalando muito os grandes olhos esbogalhados, impondo silencio.

—Está ahí o *seu* Gonçalo—diz quasi em surdina á porta da sala.

A'quelle nome, o *scismador* muda de posição, acompanha os esgares atoleimados do moleque e na mesma surdina, responde:

—Diz-lhe que não estou em casa.

Mas o *seu* Gonçalo que sabe—homem experimentado!—*como essas cousas são*, ao ouvir a resposta desprende um riso intencional.

—E... a que horas volta o *doutor*?

—*Homem...* não sei, agora se é negocio urgente póde deixar escripto e...

—Nada, nada... Venho receber uma conta...

Isto está mesmo o diabo!... Conta já de *cablos brancos*... A gente... Ora, é o diabo!

E sae rosando:

—Voltarei logo.

Ahi está o leitor a rir-se porque já percebeu que o *seu* Gonçalo é simplesmente... um *cadaver*!

\*\*

Suamos agora á rua; por acaso um typo extranho aborda a nossa humilde individualidade.

—*Doutor*, faz favor?

E chegamos á fallia.

O homem indaga; quer saber onde mora um moço assim, assim, que lhe deve uns *cobrinhos*, que já o tem procurado por toda a parte, que...

Ensinamos ou não; desculpas para sobrecarga e...  *siga seu curso*...

Outro *cadaver*!

\*\*

Mais adeante, paramos para conversar com um amigo que nos obriga, se o seguimos, a dar caminhadas longas e enormes voltas.

—Vamos por aqui...

—Não, por ahí não posso passar, tenham paciencia...

—Mas porque?

—Ora, porque... não posso!

Esse *porque não posso* explica-se: o *tal* foge dos *cadaveres*!

\*\*

A vida de um estudante!

Digam o que quizerem; tem paginas soberbas, esplendidas gaiatadas: a dos *cadaveres* por exemplo.

Se não fôra tu, ó grande, ó magnanima, ó unica instituição do credito, se não fôra tu, o que seria d'elles, dos *doutores*... em perspectiva?

Quando nas agruras da vida real, positiva, em plena sociedade, envolvidos nas luctas arduas da politica, ou da magistratura, cingindo a tóga de magistrados ou a farda de ministros, elles se reunirem uma vez, quantas recordações! quantas saudades!

Este—lembrará os bifes, os succulentos bifes do Fischer; aquelle, fallará das palestras, á noite, no Garreaux; este, discursará sobre as impagaveis serenatas e os namoricos á lua, aquelle, chorará as tardes do jardim e as noites do Jacob, emfim, todos rematarão deitando um olhar supremo sobre as tuas tradições—ó credito esgotado! e verão, como um bando de *marionettes*, a dançar-lhes ainda, no fundo das algibeiras, as figuras pallidas, alquebradas d'aquelles *cadaveres* que foram para todos causas de bem *dolorosos momentos*!...

Basta; *enterremos* tambem o nosso *cadaver*: á scena, o folhetim!

OSCAR PEDERNEIRAS.

Eloy Martins

Era filho de Campos na provincia do Rio de Janeiro e frequentava as aulas do 2º anno da Escola de Medicina da Córte. Eloy Martins tinha apenas 19 annos quando a morte arrancou-o brutalmente dos braços da familia, dos amigos e collegas. Foi uma pena! Tanto esperavamos d'elle, que era senhor de predicadas tão invejaveis, tão estudioso, tão serviçal e tão bom amigo. Palpando a natureza do seu talento, descobriu em si a inclinação para as letras, e então começou a escrever. Os seus tirocínios foram indeterminadamente no terreno do romance, da poesia, da critica, da satyra e da politica. Era talvez o genero humoristico, o que melhor calhava em sua organização. Em nada de tudo o que fez havia



ainda um cunho proprio, uma p-s-soalidade de auctor; nada passava de um tentamen, de um ensaio. Nesses preludios nevoentos e indecisos sorria já entretanto, uma grande promessa. Pena foi que tão cedo, tivesse morrido Eloy Martins.

Foram seus companheiros de estudos e seus amigos; Francisco Pessanha, Pedreira Franco, João da Motta e outros.

Raymundo Corrêa, o anno passado, lhe tinha feito para o tumulo a seguinte estrophe:

«A alma que errante passa, aqui suspende afflicta,  
O vôo, do desespero á garra erúa e forte;  
E' que ella, em prantos, vê n'este epitaphio  
Junto dá mocidade essa palavra—morte!»

### O Optimismo

(DIDEROT)

O mundo é uma loucura! Ah! uma bella loucura comtudo! E' segundo alguns habitantes de Malabar, uma das setenta e quatro comedias com que o Eterno se entretém.

Leibnitz, o fundador do Optimismo, tão grande poeta quão profundo philosopho, falla algures de uma alta pyramide de globos collocados uns sobre os outros, que havia em um templo de Memphis. Um sacerdote, interrogado por um viajante sobre tal pyramide e taes globos, respondeu que eram todos os mundos possíveis, e que o mais perfeito estava na extremidade. O viajante, curioso de ver o mais perfeito dos mundos, subio ao alto da pyramide, e a primeira cousa que lhe ferio os olhos fixos no globo da extremidade, foi Tarquinio violando Lucrecia.

R.

### DE TUDO E DE TODOS

Devia ter partido ante-hontem para a Europa o distincto poeta Luiz Guimarães Junior.

Recebemos:

*A Penna Caricata*, jornal illustrado e critico do sr. Foligonio de Magalhães. O sr. Foligonio é um artista de merito, um moço intelligente e activo.

Dezemos ao collega prosperidade e longa vida.

—*O Liberal*, organo partidario (Sapucahy).

Um catalogo do sr. Garnier, interessante relação dos livros mais modernos acompanhada de preços rasoaveis. E' gratis a distribuição quer na Côrte, quer nas provincias.

O sr. dr. Castro Lopes descobriu no nome do sr. Major Serpa Pinto o seguinte anagramma que cabe muito ao illustre explorador:

«Explora; na leda patria cobre-te d'honras.»

Este anagramma foi escripto no album do sr. Major Serpa.

Eu gasto muito o dinheiro de meu marido, dizia certa dama a outra tambem de bom tom, mas tambem ando a cavallo nos meus deveres...

Quanto a mim, disse a outra, eu não sou muito dispendiosa a meu marido, mas tambem em meus deveres não ando a cavallo, antes: occupo a infantaria....

E' pouco mais ou menos; o que diz o *Mascara de ferro* do Figaro.

O sr. B. Barreto publicou uma serie de artigos criticos sobre o poeta Castro Alves, no *Monitor* da Bahia.

O critico pulveriza o merito do bardo bahiano e é censuravel sua exaggeração. O gosto de fazer pilheria e descobrir equívocos ridiculos, sacrificia muitas vezes a verdade. Supponamos mesmo que as vezes foi o novo Agostinho de Macedo contra o que pensava.

Castro Alves, não negamos, que tenha innumerados defeitos, mas a gloria do cantor da «*Cachoeira de Paulo Affonso*» tambem não o podemos negar.

O sr. B. Barreto mereceu entretanto louvores dos srs. Franklin Tavora e Sylvio Romero; apesar d'isso reprovamos intimamente quasi tudo o que disse o rigoroso critico.

**Advogados.**—Dr. Antonio Carlos e Luiz Gama, rua da Imperatriz n. 10.

Consta ao *Cruzeiro* que o serviço á noite das linhas da Tijuca e Pedregulho (companhia de de S. Christovam) será feito á machina de vapor, em substituição dos animaes.

**Advogado.**—Manoel Antonio Dutra Rodrigues. Travessa da Sé n. 2.

Vae suspender a publicação por algum tempo o «*Nova Aurora*», jornal que se publica em Quissamã.

O futuro pertence mais aos corações do que aos espiritos.

(V. Hugo).

### THEATRO

Como annunciámos, realisou-se ante-hontem a festa da colonia franceza solemnizando o Quatorze de Julho.

O salão do S. José regorgitava de espectadores, que em sua maior parte traziam o laço tricolor.

Iniciou a festa o hymno nacional que foi ouvido de pé e *chapeau-bas*, veio depois a symphonia da *Fille du Tambour Major*.

Rica de instrumentação e *verve*, ora puramente marcial, ora langue como um protesto de amor, é bellissima a musica da opereta, se bem que nos pareça inferior a da *Carmen* e da *Mignon*.

O entrecho da peca é interessante e ataviado de espirituosos *calembourgs*.

O desempenho esteve na altura dos creditos da companhia do sr. Maurice Grau, destacando-se, Paola Marié, Nigri, Tauffenberger e Lentz.

Merece especial menção o artista que fez o papel de duque, pela graça e naturalidade com que se houve.

No fim do primeiro acto, a sra. Paola Marié cantou uma poesia do sr. Thiebaut intitulada *Salut au Brésil*

No fim do segundo acto a sra. Lentz cantou o *Salut á la Faance* da *Fille du Regiment* de Donizetti.

Terminou o espectáculo com uma apothese, declamando o sr. Nigri uma poesia de Triebaut em frente ao busto da Republica collocada em uma columna com bandeiras francezas.

Fallaram os srs. drs. Brazilio Machado, em nome da imprensa, offerendo á sra. Paola Marié um lindissimo bouquet, e Martinho Prado Junior, expressando o desejo de que o centenario do assalto á Bastilha, marcasse a fundação da republica Brasileira.

A sra. Marié cantou a marselheza acompanhada de quasi toda a companhia.

Guardamos gratas impressões da festa dos Francezes e mais uma vez damos-lhes os nossos parabens.

Sirva de exemplo ao nosso paiz onde lavra o indifferentismo, o que valem as festas da liberdade e quão expressivo é o entusiasmo que se nota sempre no relembrar uma conquista do progresso.

Assistamos alheias glorias para saber colher alguma.

Publicamos em seguida a traducção do hymno do sr. Thiebaut que de improviso fez aqui o nosso collaborador Raymundo Corrêa.

#### SALUT AU BRÉSIL

Ave terra fecunda! Ave povo!  
De hontem que hoje facina o porvir!  
Nação forte! esperanza do novo  
Mundo! povo que augmenta a sorrir!  
Generoso torrão que, aos estranhos,  
Não lhes nega nem pão, nem calor!  
Ao teu sol canta os cantos tamanhos,  
Da immortal Liberdade e do Amor!

Ave rios! sertões! abundantes  
Vagalhões do Amazonas veloz!  
Mattas virgens! montanhas gigantes,  
Cujos cimos topetam com os sóes!  
Da esperanza nas benções te banhas!  
Teu futuro será de esplendor!  
Ao teu sol canta as odes tamanhas  
Da immortal Liberdade e do Amor!

Do alto monte que a onda carcome,  
Nossos brados febris a guardar,  
Hão de os echos levar o teu nome  
E o teu nome ao [da França enlaçar!  
D'esse enlace as cantigas extranhas  
Ouve-as lunge Pariz, com fervor;  
Ao teu sol canta as odes tamanhas  
Da immortal Liberdade e do Amor!